

## CULTURA E HISTORICIDADE NA TRADUÇÃO ESPANHOLA DE LAÇOS DE FAMÍLIA DE CLARICE LISPECTOR

Sandra Francisca da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é estudar a heterogeneidade do discurso literário de *Os laços de família*, no decorrer do texto será chamado de texto de partida (TP), de Clarice Lispector, a partir de questões relativas à tradução do referido conto: *Lazos de Familia* de Cristina Peri Rossi, para o espanhol, denominado aqui como Texto de Chegada (TC). A análise, fundamentada nos Estudos Culturais, a AD francesa e os Estudos da Tradução avaliará o grau de correspondência e de afastamento entre a forma literária do texto de partida e a do texto de chegada, levando-se em consideração as marcas linguísticas de modalidade discursiva da estrutura narrativa.

**Palavras-chave:** Tradução. Estudos Culturais. Análise do discurso. Clarice Lispector.

**Abstract:** This essay aims to study the heterogeneity literary discourse in Clarice Lispector's work "Laços de família", throughout the text is called the source text (TP), from issues relating to the translation of this tale: "Lazos de Familia", by Cristina Peri Rossi, for Spanish, named here as Text Arrival (TC). The analysis, based on Cultural Studies, AD French and Translation Studies assess the degree of correlation and spacing between the literary form of the source text and the target text, taking into account the linguistic marks of discursive modality of narrative structure.

**Keywords:** Translation. Cultural Studies. Discourse analysis. Clarice Lispector.

### NOTA INTRODUTÓRIA

Temos como hipótese de trabalho que o discurso clariciano é altamente polêmico e cria efeitos de sentido contraditórios que articulam vozes também antagônicas, numa prática identitária peculiar. Nesta investigação abordaremos as condições de produção em que o discurso foi constituído e as funções discursivas que veiculam e direcionam os treze contos da obra. Este estudo terá como ponto de partida a análise discursiva e o papel do tradutor ao transferir para outra língua os aspectos culturais, o contexto, o interdiscurso e a historicidade do texto de partida, uma vez que a tradução está marcada pelo endividamento com o texto original, pois nem mesmo o próprio autor é senhor de seu texto.

---

<sup>1</sup> Doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação "stricto sensu" de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós- Graduação "stricto sensu" da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

## 1. ANÁLISE DO DISCURSO PARA UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO

A Análise do Discurso nasce de um pensamento marxista e também da transformação e desenvolvimento da linguística. A AD se inscreve sob ideologias políticas, enquanto a linguística proporciona meios para se chegar e analisar a política.

São nestas concepções que surgem os ideais de Louis Althusser de que as ideologias têm existência material, desta forma são estudadas a partir do pressuposto das ideias, têm por referência o estudo das relações de produção. Para compreendermos o estudo ideológico buscamos nos *Aparelhos Ideológicos de Estado* a explicação de como funciona o aprisionamento da sociedade por meio dos aparelhos repressivos de estado e incluímos aqui, também a família, objeto de nosso estudo do conto *Os laços de Família* de Clarice Lispector.

Lispector proporciona condições para que se analisem seus contos, pois sua linguagem é introspectiva, polifônica com um tom de poesia. Seus temas são filosóficos, de intensa reflexão, leva o leitor a imaginar que em um dado momento do cotidiano suas personagens são tragadas para o mais profundo de suas consciências, desmascara assim, a condição humana aprisionada em seus próprios mundos.

A família é ponto de apoio deste conto, são os laços familiares que unem membros demarcados historicamente como mãe, marido, filho, avó, sogra, genro que vão mostrar a riqueza do discurso clariciano numa dissecação íntima do sentido da existência humana. É por estas e outras razões que a autora Lispector é reconhecida como uma intelectual que sabe relatar a vida interior.

O conto *Os laços de Família* traz uma relação entre a mãe (Severina) e a filha (Catarina) que não se compreendem. O genro (Antonio), marido de Catarina, revela no decorrer do conto o círculo que compõe a vida rotineira, tediosa e do desamor familiar, tema fundamental da autora.

Desde a primeira página percebe-se um estranhamento entre mãe e filha:

“—Não esqueci de nada? Perguntava pela terceira vez a mãe.

— Não, não, não esqueceu de nada, respondia a filha divertida, com paciência”. (TP - p.109)

O que a mãe esquecera talvez fora o sentimento maternal, o afeto, o amor que não existia entre elas.

Foi necessária a desconstrução deste discurso aparentemente simples, para se inserir aí a análise do discurso, desvencilhando da teoria de Saussure que a linguística se limitaria ao estudo da língua pela língua somente, definida como um sistema de signos e regras. O referido conto é uma prova marcante de que há outros elementos que interferem na constituição do significado por meio da linguagem conotativa, subjetiva e das condições de produção em que este discurso foi construído.

O discurso foi produzido dentro dos valores de uma família de rotina superficial, uma vez que há uma relação de atitudes entre seus membros que já são pré-determinadas historicamente. São relações de tratamento e convívio que deveriam estabelecer a afetividade nos laços familiares. No decorrer dos fatos percebe-se assim o fingimento dos sentimentos entre mãe e filha; genro e sogra que são submetidos às palavras vazias de significados, mas com um claro relacionamento de atrito, de desencontros, de tédio e irritação. “Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um,” acrescentara a mãe, e Antônio aproveitara sua gripe para tossir. (TP - p.110)

Neste fragmento percebe-se um fingimento na fala da sogra para com Antônio que também tossiu simulando o descrédito à mulher que naquele momento o fez pensar no castigo de ser seu filho.

Se o leitor ao escolher o texto da autora Clarice Lispector estiver esperando uma leitura objetiva e que responda ao conflito proposto, certamente não ficará satisfeito no final da leitura, pois a narrativa clariciana apresenta uma linguagem densa e que foge aos padrões convencionais das narrativas estereotipadas.

Assim o lugar de mãe é marcado diferentemente do que se espera nas situações convencionais, pois a escrita clariciana demonstra ser um espelho para o interior do ser humano, além do mais este está fadado a viver em conflito com o meio social e as instituições que esses sujeitos discursivos estão inscritos, neste conto a família.

Segundo Orlandi (2001, p. 30) “as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” do texto.

Em virtude das condições de produção é que podemos dizer do local dessa intelectual que se situa na terceira fase do Modernismo, chamado por muitos de Pós-Modernismo, é pouco convencional, no conto *Os laços de Família*, o nono de treze que compõem o livro, ela desmascara o verdadeiro eu de cada um. Apresenta um jogo que depende da participação de todos: narrador, leitor e personagens, uma vez que não é dada a significação plena de tudo que acontece, mas cabe o leitor desvendar as várias vozes que perpassam o discurso.

São estes lugares imaginários de cada personagem, demarcados pelas diferenças que vão dar condições de tornar claro o papel de cada um, no momento em que se forma o discurso. Lispector opta pelo protagonismo feminino em quase todos os contos da obra a qual foi retirado *Os laços de Família*, essa obra apresenta apenas dois contos com personagens principais masculinas, *O jantar* e *O crime do professor de Matemática*. Por tudo isso, podemos perceber que há uma intenção em se colocar as personagens femininas no centro das narrativas de conflito da autora, a mulher é posta em cena para mostrar o quanto a imagem feminina está presa às intempéries da família e de sua própria existência, de ser submissa, mãe que está condicionada aos afazeres do lar, sem forças, sem voz para gritar pela sua liberdade e de buscar o que lhe daria satisfação pessoal.

Esses conceitos de Condições de produção encontraram embasamento nos esquemas de Pêcheux:

Duas famílias de esquemas estão em competição no que diz respeito à descrição extrínseca do comportamento lingüístico em geral (por oposição à análise intrínseca da cadeia falada): -um esquema ‘reacional’, derivado das teorias psicofisiológicas e psicológicas do comportamento (esquema ‘estímulo-resposta’ ou ‘estímulo-organismo-resposta’); -um esquema ‘informacional’ derivado das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação (esquema ‘emissor-mensagem-receptor’). (PÊCHEUX, 1997, p.79).

É importante destacar que nessas condições de produção discursiva o que é relevante são os lugares e a representação que cada personagem no universo familiar. Neste estudo, o lugar institucional da família em que principalmente a mulher exerce uma posição de exclusão histórica na sociedade.

Assim como as condições de produção, as formações discursivas também são responsáveis pela ideologia dominante no interior do texto. Há uma articulação das funções ideológicas (FI) e funções discursivas (FD) para compreensão do que é dito de determinada maneira e não de outra, por isso podemos afirmar que o discurso é carregado de intenções, de escolhas do que dizer, para quem dizer e como dizer em determinado momento na história, e nessa linha Brandão argumenta:

O conceito de FD regula, dessa forma, a referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso. É a FD que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar

*Interfaces da Educ., Paranaíba, v.3, n.8, p.75-84, 2012.*

ISSN2177-7691

ou não sobre o sentido a dar às palavras, ‘falar diferentemente falando a mesma língua’. Isso leva a constatar que uma FD não é ‘uma única linguagem para todos’ ou ‘para cada um sua linguagem’, mas que numa FD o que se tem é ‘várias linguagens em uma única’. (BRANDÃO, 1993, p. 39-40).

Portanto o discurso clariciano é constituído de interdiscursos e de discursos “outros” que atravessam os enunciados do texto para revelar a condição humana, pessoas fracas, presas a seus mundos vazios, sem forças para buscar o que lhe é almejado, mas são essas marcas da heterogeneidade discursiva que a consagra como uma autora introspectiva e intimista, levando o leitor a temer o que está por trás de sua linguagem subjetiva, pois ao final da leitura ele pode se deparar com a imagem no espelho de sua própria alma.

## 2. OS ESTUDOS CULTURAIS E O PAPEL DA INTELLECTUAL CLARICE LISPECTOR

Os Estudos culturais ainda não têm um campo definido, por isso pode-se encontrar contradições nos estudos de sua origem, mas sabe-se que inicia com Stuart Hall (1932).

Tomamos os Estudos Culturais para discutir o papel da intelectual Lispector num universo onde tudo que se aborda é vindo de fora, onde os movimentos literários são demarcados historicamente pelo que segue como regra, um modelo pré-determinado por períodos literários, apagando desta forma as condições do intelectual pós-moderno, voltado para o mundo globalizado e tecnológico: computadores, celulares, carros, aviões ultramodernos, BlackBerry, iPhone, ipod, Shoppings, edifícios que simbolizam o imperialismo da sociedade de consumo, a queda das torres gêmeas nos Estados Unidos e a mídia com especial atenção para internet e seus recursos de comunicação como chats, e-mails, foros, blogs, Skypes, etc., são fatores que contribuem para uma nova leitura do intelectual da pós-modernidade. Segundo Souza (2002, p. 68), “Os estudos Culturais de origem anglo-saxônica, e atualmente desenvolvidos nos Estados Unidos, estariam ameaçando os estudos literários, corrompendo o objeto de análise e distorcendo a teoria da literatura”.

É para esta intelectual chamada Clarice Lispector que pedimos atenção, neste estudo realizado a partir da sua obra traduzida para o espanhol *Lazos de Familia*. Podemos consagrá-la como uma das mais valiosas escritoras da pós-modernidade, porque ela escreve como representante de minorias: o papel do nordestino marginalizado em *A Hora da Estrela*, desprovido de qualquer condição humana diante da falta e da miséria. É ele também que sofre com o esmagamento do mundo efêmero do consumismo desenfreado da sociedade individualista dos dias atuais. Ela escreve o universo feminino marcado historicamente pelo sofrimento das imposições sociais e morais.

Podemos dizer que os imigrantes de todas as partes do mundo que invadiram a França no século XX, contribuíram, para uma nova reflexão das narrativas de periferias, mesclando as diversas culturas: a cultura local e a do país de origem mesclando as identidades em conflito, pois não se tinha claro o pertencimento a nenhuma das duas nações.

Os Estudos Culturais valorizam a multiplicidade das culturas, questionando as várias formas de poder que estão infiltradas na sociedade de margem. Toda forma de dogma deve ser motivo de desconfiança, é preciso desconstruir um conceito já estigmatizado pela cultura elitista em manter a sociedade latino-americana silenciada diante da cultura do outro.

É importante lembrar que a narrativa ficcional de Lispector está inserida nesse contexto histórico, social e cultural de país colonizado. São, portanto, os Estudos Culturais

que propõe uma releitura deste novo tempo para a literatura latino-americana, tomada pelas diferenças multiculturais dos países periféricos. Citamos então Bhabha:

[...]—migrantes ou metropolitanos—então veremos que o espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de ‘duplicidade’ de escrita, uma temporalidade de representação que se move entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada. E tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual, da sociedade horizontal. A linguagem secular da interpretação necessita então ir além da presença do olhar crítico horizontal se formos atribuir autoridade narrativa adequada à “energia não-sequencial proveniente da memória histórica vivenciada e da subjetividade”. Precisamos de um outro tempo de escrita que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência ‘moderna’ da nação ocidental. (BHABHA, 1998, p. 201).

Em *Vigiar e Punir*, de Michael Foucault analisamos que os que mais sofrem diretamente com todos os avanços da pós-modernidade, são os que vivem às margens da sociedade, apresentando assim uma atitude servil; pastoral diante da ordem e do poder.

O discurso das minorias está no entre-lugar nem lá, nem cá, está no reconhecimento de suas heranças de povo colonizado, mas com olhos para o futuro, buscando o seu lugar em meio às relações de poder entre o pedagógico e o performático a fim de se reconhecer na história o que foi implantado desde a colonização, mas que há muito tempo emite uma voz que deve ser ouvida, a voz que pede passagem. Exemplo concreto está na narrativa dessa intelectual das minorias.

No momento em que se traduz uma obra como *Os Laços de Família* o tradutor deverá ter em mente a especificidade do signo linguístico, com o compromisso muito maior em se traduzir os aspectos culturais que exatamente a tradução literal da uma língua.

[...] O espaço pós-colonial é agora ‘suplementar’ ao centro metropolitano; ele se encontra em uma relação subalterna, adjunta, que não engrandece a presença do Ocidente, mas redesenha seus limites na fronteira ameaçadora, agonística, da diferença cultural que de fato nunca soma, permanecendo sempre menos que uma nação e dupla. (BHABHA, 1998, p. 336).

Sobre o intelectual (SAID, 2005, p.21) afirma que [...] “Os verdadeiros intelectuais nunca são tão eles mesmos como quando, movidos pela paixão metafísica e princípios desinteressados de justiça e verdade, denunciam a corrupção, defendem os fracos, desafiam a autoridade imperfeita ou opressora”.

O intelectual latino-americano ocupa seu lugar, luta contra os vínculos, arraigados ao longo da história, mesmo que possa causar constrangimento à crítica tradicional.

Vivemos em uma época globalizada, há, por isso, certa “homogeneização” das identidades, porque a sociedade latina – americana se integra com o resto do mundo numa velocidade real, passando a impressão de pertencimento a um lugar que não é seu e o exclui muito mais que integra. O mercado de consumo dos produtos citados no início deste trabalho favorecem a falsa familiaridade de globalização, mas o que há nitidamente é a desterritorialização da cultura, colocando os países periféricos cada vez mais à margem.

### 3. ESTUDOS DA TRADUÇÃO E ALGUMAS CORRESPONDÊNCIAS NA MODALIDADE DISCURSIVA DE LAZOS DE FAMÍLIA

Neste estudo também recorre-se ao estado da arte de trabalhos desenvolvidos no exterior sobre essa mesma autora, pois é comum encontrar a tradução de obras de autores franceses, portugueses e americanos em língua portuguesa, e pouco se ouve sobre as obras de autores brasileiros que são traduzidas para outras línguas, embora saibamos da existência de alguns como Graciliano Ramos e de Clarice Lispector, objeto deste estudo. É por esta importância dada à escritora pelos tradutores de outras línguas é que vamos realizar a presente abordagem sobre um estudo da tradução do *Conto Lazos de Família*, versão espanhola de Cristina Peri Rossi, uma professora uruguaia de Montevidéu que vive na Espanha desde 1972, é tradutora, jornalista, poeta, contista e romancista que se dedica à literatura.

A Literatura apresenta uma linguagem própria que conta com a presença direta do interlocutor, proporcionando-lhe condições de criar e recriar seu universo por meio das interpretações individuais, enriquecidas de emoções, alegrias tristezas, medos etc., passando a significar aquilo que o leitor deseja com base em suas experiências e formas de ler o mundo.

É por este motivo que o tradutor tem a responsabilidade maior ainda na interpretação deste discurso polifônico, que ao menor deslize, a obra ficará comprometida em abordar sentidos que não correspondam às características do texto de partida. O tradutor por volta da época renascentista seguia os passos do autor, seu trabalho era considerado inferior, servil e “menor” ao texto original. Depois de 1650, o trabalho do tradutor passa de inferior a orientador.

Em o mito bíblico de *Torres de Babel* já era marcada a confusão da multiplicidade das línguas e o tradutor estava fadado à incapacidade e endividamento em se traduzir uma língua para outra. O tradutor está em constante dívida com o texto original, mas graças a eles o mundo passou a se comunicar e trocar as experiências culturais, históricas, sociais de um lugar para outro.

Ao transferir uma obra literária, o tradutor recria os sentidos, adapta para sua língua e nesta corrente podemos dizer que ele reinventa um novo texto, perdem-se desta forma os valores semântico-culturais que pertenciam ao texto original.

Não trata aqui de eleger o melhor, mas de reconhecer a importância da tradução para o crescimento intelectual dos povos, o texto original está inserido no outro como a casca e a polpa.

[...] A tradutibilidade pura e simples é aquela do texto sagrado no qual o sentido e a literalidade não se discernem mais para formar o corpo de um acontecimento único, insubstituível, intransferível, ‘materialmente a verdade’. Apelo à tradução: a dívida, a tarefa, a atribuição não são nunca mais imperiosas. (DERRIDA, 2002, p. 69).

A tradutora Cristina Peri Rossi ao traduzir *Os Laços de Família*, traduziu mais que uma língua, traduziu uma autora que revolucionou à temática introspectiva, com abordagens psicológicas do indivíduo, os conflitos e suas fraquezas existenciais, a estória não é o cerne desta pesquisa, mas sim o que os acontecimentos causam nas pessoas. O tradutor por sua vez, tem a função de aproximar o máximo possível do texto original, tarefa nada fácil, uma vez que a escrita de Lispector não se apresenta como preocupação principal destacar o enredo de suas narrativas, ela se preocupa com as emoções, as angústias, com a hora da estrela de cada um de seus personagens, definitivamente o desvendar da consciência do ser humano. Seus contos são narrativas breves e é essa brevidade que causa o efeito esperado pelo narrador, o desnudar das personagens, principalmente a feminina.

*Os Laços de Família* não é diferente dos demais contos, há um monólogo interior dos personagens que normalmente são pessoas infelizes com a vida que levam, mas não têm forças ou até pelo comodismo não soltam as amarras do falso laço familiar. Estão presas por trás de um véu que os escondem de suas identidades. Há um momento de lucidez que descortina a consciência da rotina que os tapa os olhos, nos momentos de fragilidade em que optam por se acovardarem em suas insatisfações pessoais, preferindo a dissimulação, a dependência dos que estão a sua volta, por imposições familiares ou sociais, causando desta forma um jogo de aparências que lhes dói na alma.

A tradutora desta obra teve a preocupação em manter a proximidade do texto original, embora ilusória, mas aceitável, talvez pelo fato de o espanhol ser uma língua irmã com estruturas parecidas. Verificamos por intermédio do pensamento desconstrutor de Nietzsche características da psicanálise de Freud no que encampa o sujeito cartesiano como alguém que não age mais com a razão, mas com o desejo que não o deixa ser consciente e por estes motivos, o leitor-tradutor se torna cada vez mais autônomo para interpelar a significação do texto de partida, pois a maneira que se interpreta um texto proposto para tradução, ficará à disposição da consciência de mundo, do contexto cultural do tradutor e sua maneira de ler a cultura do outro.

Sobre a interpretação de significados Arrojo diz:

[...] O significado de um texto somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural- a 'comunidade interpretativa' nos permite ler naquilo que lemos, mesmo que tenhamos como único objetivo o resgate dos seus significados supostamente 'originais', mesmo que tenhamos como único objetivo não nos misturarmos ao que lemos. (ARROJO, 1993, p. 29).

Acrescentamos, portanto, que cabe ao tradutor muito mais que manter a fidelidade do texto de partida, mas principalmente, assegurar ao original a cultura, a história e local de produção do TP. Tarefa impossível já pela condição de sujeito endividado historicamente.

Ao compararmos o texto de partida e o texto de chegada, verificamos que não houve transformações linguísticas significativas da linguagem clariciana, para isso tomamos algumas passagens do TP e do TC para ilustrar a rotina familiar e as relações de aprisionamento dos personagens.

Mas eis que na hora da despedida, antes de entrarem no taxi, a mãe se transformara em sogra **exemplar** e o marido se tornara o **bom** genro. (p.109, grifos nosso).

Pero he ahí que en la hora de la despedida, antes de entrar em el taxi, la madre se había transformado en suegra **ejemplar** y el marido se tornaba en **buen** yerno. (P.82, grifos nosso).

Sogra: exemplar; Genro: bom- adjetivos que caracterizam uma condição de obrigação na hora da despedida.

Nos dois textos permanecem os adjetivos que marcam a ironia em relação ao tratamento entre a sogra e o genro.

Catarina, de pé, observava com malícia o marido, cuja segurança se desvanecera para dar lugar a um homem moreno e miúdo, forçado a ser filho **daquela mulherzinha grisalha** (p.110, grifo nosso).

Catalina, de pie, observaba maliciosamente al marido, cuya serenidad se desvaneciera para dar paso a un hombre moreno y menudo, forzado a ser el hijo **de aquella mujercita grisácea**. (p.83, grifo nosso).

No trecho destacado anteriormente, houve o acréscimo da preposição de para adequação à língua de chegada que não faz a contração da preposição de+a-artigo como a língua portuguesa. Os sentidos foram mantidos para indicar a insatisfação do marido em pensar mesmo que hipoteticamente a condição de ser filho da mulher que sequer suportava.

—Não esqueci de nada..., recomeçou a mãe, quando **uma freada súbita** do carro lançou-as uma contra a outra e fez despencarem as malas. Ah! Ah!, exclamou a mãe como a um desastre irremediável, ah! Dizia balançando a cabeça em surpresa, de repente envelhecida e pobre. E Catarina? (p.111, grifo nosso).

—No me olvidé de nada... — recomenzó la madre, cuando **una súbita frenada** del auto las arrojó una contra la otra e hizo caer las maletas—¡Ay! ¡Ay!—exclamó la madre como ante un desastre irremediable, ¡ay!, decía balanceando la cabeza sorprendida, de repente envejecida y pobre. ¿Y Catalina? (p.84, grifo nosso).

Verifica-se nesse momento uma retomada de fluxo de consciência, traços característicos dessa narrativa, que incomoda mãe e filha, como se elas devessem dizer o que nunca haviam dito uma para outra. Os termos destacados revelam o acontecimento efêmero que se encontra do cair em si dos personagens, numa dada situação inesperada do cotidiano de seres infelizes, ao visualizarem essa luz que clareia suas próprias vidas, poderiam mudar quando quisessem o que lhes acusava intimamente a consciência, mas ao se depararem com tamanha lucidez, não sabiam o que fazer com ela, confirmando assim, impossibilidade do ser em se libertar do que está na carne, impregnado no mais profundo de suas almas.

[...] A filha observava divertida. Ninguém mais pode te amar senão eu, pensou a mulher rindo pelos olhos; e o peso da responsabilidade deu-lhe à boca um gosto de sangue. **Como se “mãe e filha” fosse vida e repugnância.** Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso. (p.113, grifo nosso).

[...] La hija la miraba divertida. Nadie más puede amarte sino yo, pensó la mujer riendo por los ojos; y el peso de la responsabilidad llevó a su boca un gusto a sangre. **Como si “madre e hija” fuesen vida y repugnancia.** Su madre le doía, eso sí (p.85).

Neste fragmento foi destacada uma passagem em que mãe e filha estão num invólucro da destituição das personalidades, desprovidas de autodeterminação. Não conseguem se desfazer da barreira que as separam e logo voltam à mesmice e a vidinha sem graça de sempre, condenadas a transmitirem suas fraquezas a seus filhos de geração para geração.

[...] A mãe sacudia a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a primeira vez que ele dizia “mamãe” nesse tom e sem pedir nada. **Fora** mais que uma constatação: mamãe! A mulher continuou a sacudir a toalha com violência e perguntou-se a quem poderia contar o que sucedera, mas não encontrou ninguém que entendesse o que ela não pudesse explicar. (p.116, grifo nosso).

[...] La madre sacudia la toalla en el aire y de esta manera impedia la visión de la habitación: mamá dijo el chico. Catalina se volvió rápida. Era la primera vez que el decía “mamá” en ese tono y sin pedir nada. **Había** algo más que una comprobación: ¡mamá! La mujer continuó sacudiendo la toalla con violencia y se preguntó a quién podría contarle lo que sucediera, pero no encontró a nadie que entendiera lo que Ella no podía explicar. (p.88).

Há uma mudança de tempo do TP para TC:

Fora: pretérito-mais que perfeito: indica um processo anterior a outro no passado.

Había: pretérito imperfecto: indica uma ação em seu transcorrer anterior al momento de quem fala.



O filho demonstrava vestígios da herança que seus pais o deixaram, desde muito jovem, pressentia o destino de estar preso a um mundo de comodismo e de aparências, revelando assim, uma felicidade camuflada.

[...] Antonio mal teve tempo de levantar os olhos do livro-e **com surpresa** espiava a sala já vazia. (p.116).

[...] Antonio apenas tuvo tiempo de elevar los ojos del libro, y **con sorpresa** vio la sala vacía. (p.90).

Com as expressões adverbiais em destaque averigua-se o quanto Antonio estava acostumado com a rotina da casa e o quanto a mudança de hábito o incomodava, pois a mulher sempre demonstrara ser adepta ao jogo de cenas no ambiente familiar.

“Mas e eu, e eu?” **perguntou assustado** (p.118).

“Pero, ¿Y yo?, ¿Y yo?”, se **preguntó assustado** (p.90).

O marido tinha medo que a mulher fugisse do aprisionamento que ele também se encontrava. A casa era o símbolo da calma e segurança, enquanto que o mundo externo desestabilizava a rotina por meio da liberdade.

[...] Quando Catarina voltasse, jantariam afastando as **mariposas**. (p.119).

[...] Cuando Catalina regresara, ellos cenarían alejando a las **mariposas**. (p.92).

Embora seja um vocábulo usado muitas vezes com o sentido literal de borboleta, aqui a tradutora o manteve em sentido conotativo e metafórico para ficar mais próximo ao texto de partida, um símbolo de liberdade. No desfecho da estória o leitor é levado a pensar na libertação dos personagens, mas tudo volta como era antes. Catarina mesmo no anseio pela liberdade voltaria à sua família continuando com a mesma rotina predestinada e o artificialismo inicial. Reconhecemos em *Os laços de Família* um discurso irônico, pois a ênfase dada a esse conto, que posteriormente ilustra a obra com o título dos laços do desamor.

Durante todas narrativas dos contos há o predomínio de termos relacionados aos olhos como metáfora da alma e em *Os Laços de Família* não foi diferente:

[...] A filha, com seus **olhos escuros**, a que um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza—assistia. (p.109).

[...] La hija, con **ojos oscuros** a los que un ligero estrabismo daba un continuado brillo de burla y frialdad, la observaba. (p.82).

[...] **vira** Antonio não saber o que fazer das malas nas mãos, a gaguejar—pertubado em ser o bom genro. (p.110).

[...] **vio** a Antonio sin saber qué hacer com lãs maletas em lãs manos, tartamudear preocupado por ser el buen yerno. (p.82).

[...] **seus olhos** tomavam uma expressão esperta e contida, tornavam-se mais estrabicos—e o riso saía pelos olhos. (p.110).

[...] **sus ojos** tomaban una expresión astuta y contenida, se tornaban más estrábicos, y La risa salía por los ojos. (p.83).

Aparece durante todo conto uma relação entre os olhos e as características de seus personagens, mostrando o que as palavras e atitudes não mostram, mas que os olhos não conseguem dissimular. Desmascaram o lado mais obscuro do ser humano, o lado que nem ele mesmo reconhece. É como se a verdade aparecesse no interior do que já nascera com cada um de nós, em uma condição simplesmente de ser humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos com este trabalho levantar a importância da intelectual Clarice Lispector, na condição de intelectual latina-americana a partir do despertar da curiosidade da crítica internacional, assim como o interesse pela sua tradução. Demonstramos o quanto é polifônico e antagônico o discurso clariciano, assim como os interdiscursos e as várias vozes que atravessam suas obras como *Os laços de Família*. Apresentamos o papel do tradutor ao traduzir uma obra de uma autora tão intimista e de discursos tão contraditórios. Verificamos também as condições de produção em que estes discursos foram produzidos na América Latina, bem como o papel feminino na sociedade pós-moderna. Os Estudos Culturais ditaram os caminhos a serem percorridos pelo autor de margem, propiciando uma nova reflexão do lugar do intelectual latino-americano numa prática identitária peculiar, na busca de encontrar o reconhecimento da crítica mundial, na posição de intelectual que balbucia suas angústias e luta por um lugar onde possa representar sua identidade, historicidade e por fim sua nação.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 128 p.
- ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*: Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998. P. 198-238.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobras*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. de Jones Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. P. 11-72.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: Contos*. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Lazos de Familia*. Trad. de Cristina Peri Rossi. Barcelona: Montesinos S. A - Espanha, 1988.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. Análise automática do discurso. In: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et. al. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.